

Sarney e Ulysses agora só "namoram" em público

Arquivo — 7/12/84

Arquivo — 3/5/86

Jorge Bastos Moreno e
Rodolfo Fernandes

Brasília — Publicamente, eles se tratam como "namorados" e no fim de cada conversa transmitem a impressão de que estão cada vez mais afinados um com o outro. Nos bastidores, entretanto, suas divergências se assemelham mais à de um casal que, no segundo ano de casamento, já pensa no divórcio. Assim é a relação das duas figuras mais importantes da política brasileira hoje: o presidente José Sarney e o deputado Ulysses Guimarães. Pontuada por divergências e aproximações que antecedem a eleição de Tancredo Neves, essa relação está entrando em rota de colisão nos trabalhos da Constituinte.

"Não tem nada disso. Você está inventando. Bem definiu o doutor Ulysses: nosso relacionamento é de dois namorados". Assim, ao lado de sua mulher, d. Marly, o presidente José Sarney tentou, na quarta-feira de cinzas, desfazer a impressão causada pelo seu último encontro com Ulysses, no sábado de carnaval. Desmentiu, sem a veemência habitual, que tivesse, nesse encontro, cobrado de Ulysses a fidelidade do PMDB ao seu governo.

Veto traumático

Desde os tempos em que, como presidentes do PDS e do PMDB, os dois insinuavam um diálogo para agilizar a abertura política do governo Figueiredo, são difíceis as conversas de Sarney e Ulysses. Até hoje o presidente do PMDB responsabiliza Sarney por não ter conseguido aprovar uma legislação que proibisse o abuso do poder econômico nas eleições de 1982. Este era o tema das conversas de ambos naquele ano.

"Não se pode fazer política com o fígado, conservando o rancor na geladeira", costuma dizer Ulysses. Na prática, ele utilizou essa regra e sempre teve um canal aberto de diálogo com Sarney. Isso foi fundamental para viabilizar a adesão dos dissidentes do PDS à chapa encabeçada por Tancredo Neves à Presidência da República. No centro dos acontecimentos, mais uma vez, Ulysses e Sarney.

Em outubro de 1984, investido na função de coordenador político da candidatura de Tancredo, Ulysses Guimarães teve o momento mais difícil de sua carreira. Por determinação de Tancredo, Ulysses deveria dizer a Sarney que seu nome não estava sendo aceito no PMDB como candidato a vice. "Essa foi a conversa mais difícil que tive com o



Durante a campanha presidencial, Ulysses era a garantia das mudanças. Com o Cruzado, Sarney abriu seu próprio caminho

Sarney. Até hoje ele devia ter ódio de mim", disse o presidente do PMDB algum tempo depois a um deputado de sua confiança.

Essa conversa talvez explique muito o conturbado nível que às vezes atinge o relacionamento dos dois. "O que eu disse ao Sarney nunca disse a mais ninguém na minha vida. E tudo por culpa do Tancredo, que me mandou fazer isso", contou Ulysses ao mesmo deputado. Sem revelar o teor exato do que falara com Sarney, o presidente do PMDB deixou bem claro que foram palavras muito duras. O passado do ex-presidente do PDS não o autorizava a frequentar uma chapa de oposição que percorreria as praças públicas do país — em síntese, foi isso que foi dito nesse dia.

O vice preferido de Tancredo Neves, o ex-senador Luís Cavalcanti (PFL-AL), cometeu alguns tropeços. Uma articulação da Frente Liberal conseguiu afinal levar Sarney aos braços do PMDB. Mas até hoje existem cicatrizes dessa conversa de 1984. Por coincidência, o homem que foi a Sarney dizer-lhe que ele não poderia ser vice de Tancredo foi o mesmo que, cinco meses depois, visou seu passaporte para o Palácio do Planalto.

Na madrugada de 15 de março, no Hospital de Base de Brasília, um surpreendente diálogo entre Ulysses e Sar-

ney selou o destino do país. "Eu não vou assumir a presidência. Ulysses é quem deve assumir", afirmou Sarney. Categórico, o presidente do PMDB respondeu: "Não. Quem assume é você, Sarney". Só depois de conseguir esse aval é que Sarney decidiu substituir o presidente Tancredo Neves numa interinidade que não sabia quanto tempo duraria.

Desse dia até depois da morte de Tancredo, Sarney e Ulysses viveram uma verdadeira lua-de-mel. Quando começaram as nomeações para preencher os cargos de segundo escalão, que envolveram intermináveis conversas entre os dois, Sarney deu os primeiros sinais a Ulysses de que ele se envolvia demais com assuntos exclusivos do presidente da República. Propositadamente, deixou de atender a alguns poucos pedidos de Ulysses. A alguns amigos, Sarney chegou a reclamar da interferência física do deputado no governo. Segundo ele, Ulysses entrava no Palácio do Planalto a qualquer hora para ser recebido, sem qualquer aviso prévio.

A retração de Ulysses tranquilizou o presidente da República, que passou a governar aparentemente sozinho no Planalto. Mas só aparentemente, porque num ministério que não lhe era inteiramente dedicado, os espaços de Ulysses estavam preservados. No co-



meço de abril de 1985, Tancredo doente em São Paulo, o presidente do PMDB organizou uma reunião ministerial com os integrantes do partido em sua própria residência, sem avisar Sarney disso. A irritação do presidente da República foi total.

Humilhação

O troco veio na hora certa. Na reforma ministerial de janeiro de 1986, Sarney assumiu efetivamente o governo, reduzindo os espaços de Ulysses. Alguns amigos do presidente do PMDB disseram que ele foi "humilhado" nesse episódio e chegaram a atribuir o início da sua doença a isso. A indicação de um nome do PFL para o Ministério da Educação foi uma informação sonogada por Sarney a Ulysses até o último dia. Como compensação, o presidente aceitou a permanência de João Sayad no Ministério do Planejamento, atendendo a um desejo (o único) de Ulysses.

A afirmação de Sarney em cima de Ulysses prosseguiu com a edição do Plano Cruzado, em fevereiro de 1986. As críticas do PMDB ao presidente, discretamente estimuladas por Ulysses, vinham num crescendo e certamente desaguardariam numa reunião do diretório nacional do partido, convocada para o dia 6 de março, com a pauta específica de discutir a relação do PMDB com o governo. Há quem atribua a data de

divulgação do Plano Cruzado à proximidade dessa reunião.

A glória de Sarney, com os primeiros meses de sucesso do novo plano de estabilização econômica, foi a derrota de Ulysses. Doente, ele se recolheu a uma fazenda no interior de São Paulo e perdeu completamente o nível de importância que tinha no cenário político. A relação dos dois, nessa época, continuava sendo boa para o público externo, mas ruim na intimidade.

Doença

Sarney deixou vaziar alguns comentários sobre a doença de Ulysses. Certa vez, disse, com espanto: "O Ulysses liga para mim todo dia e fica dizendo coisas meio incompreensíveis, que o pai dele não queria que ele se chamasse Ulysses". A di-

vilgação da doença do presidente do PMDB às vezes passava pelo Planalto.

Numa audiência com o então candidato do PMDB ao governo de São Paulo, Orestes Quercia, Sarney chegou a deixar seu interlocutor assustado. Ele disse a Quercia que a doença de Ulysses parecia irreversível, e insinuou que o PMDB deveria começar a pensar num substituto para o seu presidente. Muitas dessas conversas chegaram aos ouvidos do próprio Ulysses, mas o ministro Dilson Funaro, com bom trânsito nos dois lados, se encarregou de amenizar os estragos. Também o ministro Renato Archer serviu de bombeiro.

A eleição dos governadores fortaleceu novamente Ulysses e o Cruzado II enfraqueceu Sarney. O presidente do PMDB deu apoio às medidas, mas depois chegou a dizer a um amigo que Sarney foi "inábil" e acusou-o de querer, com o novo pacote, "atrapalhar a vitória do PMDB". Os dois se uniram estrategicamente depois do badernaço do dia 12 de dezembro em Brasília. Pela primeira vez em sua vida, Ulysses foi vaiado pelo povo e uma divisão do governo diante da forte reação popular poderia ser prejudicial a ambos.

A Constituinte tem sido uma constante queda de braço entre Ulysses e Sarney. Apesar de ter contado com todo o apoio do governo para sua

eleição para as presidências da Câmara e da Constituinte, Ulysses deu corda ao grupo que defendia a Constituinte exclusiva, tocando numa ferida de Sarney, que é a duração de seu mandato. A nomeação de um líder do governo na Constituinte, o deputado Carlos Santanna, selou a desconfiança de Sarney em relação ao PMDB de Ulysses.

Idéia fixa

Em pleno sábado de carnaval, os dois tiveram uma conversa para acertar os ponteiros, definida como de "namorados". Ulysses, entretanto, acha que Sarney tem uma preocupação descabida com seu mandato. Às vezes ri de tanta preocupação do presidente. "Ele não quer saber de mais nada, só fica pensando que a Constituinte vai reduzir o mandato dele", comentou Ulysses com um dos seus liderados do grupo Pró-Soberania.

A cúpula do PMDB reconhece a deterioração do relacionamento entre os dois. Os que cercam Ulysses fazem tudo para esconder a briga, que definitivamente não lhes interessa: muitos sobrevivem politicamente por causa do rótulo de "amigo do presidente do PMDB". Os ministros de estado mais próximos de Ulysses vivem o mesmo drama — a fidelidade maior deve ser dada ao presidente da República. São eles, porém, os que mais sentem os respingos dessa briga. "Sarney isolou todos os amigos de Ulysses que estão no governo", revela uma das vítimas. Os governadores sentimentalmente ligados a Ulysses parecem ter aprendido uma de suas frases favoritas: "O bom político é geralmente mau amigo". Antes de assumirem os estados financeiramente falidos e dependentes do governo federal, os governadores do PMDB já optaram. "O Sarney tem uma visão mais realista do que o doutor Ulysses", constatou o governador eleito de Pernambuco, Miguel Arraes, na sua última passagem por Brasília. Ulysses, nessa briga, tem a seu favor a esquerda do PMDB e, no fundo, todo o partido, cuja sigla, como ele mesmo diz, confunde-se com a sua existência. Mas, Sarney tem a força do cargo. Daí o diagnóstico imparcial de um adversário comum, o deputado Fernando Lyra: "Suceder Sarney, para o doutor Ulysses, é acima de tudo reduzir seu mandato. Fora disso, nada mais o interessa".